

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ- REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SABERES E
FAZERES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

GISELLE RODRIGUES LEAL DE AQUINO

**“A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE DISCUSSÃO
NA RESSIGNIFICAÇÃO DO CABELO CRESPO”**

Rio de Janeiro
2022

GISELLE RODRIGUES LEAL DE AQUINO

**“A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE DISCUSSÃO NA RESSIGNIFICAÇÃO
DO CABELO CRESPO”**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em: Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

A657 Aquino, Giselle Rodrigues Leal de

“A escola como um espaço de discussão na ressignificação do cabelo crespo” / Giselle Rodrigues Leal de Aquino – Rio de Janeiro, 2022.

45 f.

Produto Educacional apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcelino Rodrigues

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Educação antiracista. 3. Relações étnico-raciais. I. Rodrigues, Marcelino. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

GISELLE RODRIGUES LEAL DE AQUINO

**“A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE DISCUSSÃO NA RESSIGNIFICAÇÃO
DO CABELO CRESPO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 28 de maio de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelino Rodrigues
Colégio Pedro II
Orientador

Prof^a. Mestra Carine Cadilho
Colégio Pedro II

Prof^a. Mestra Viviane de Souza
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2022

*A minha ancestralidade, por resistir e me
permitir um encontro com quem eu sou.*

AGRADECIMENTOS

A mãe terra, pelo ar, pela água e o alimento que nos dá energia e força para caminhar nesse mundo.

A minha Família, que me ensina que tudo é possível, e me mostra o que é amar através de atos.

Ao meu companheiro Francisco, por juntos lutarmos por igualdade.

Aos meus amigos, Priscilla Higyno e André Sigom, que resistem comigo a esse mundo tão cheio de preconceito.

Ao meu orientador Marcelino Rodrigues, por acreditar em mim, antes de eu mesma.

Ao Colégio Pedro II, por exercer a educação pública, com responsabilidade e comprometimento.

A flor afro
Adorno arabesco
perante mim, sem turbante
seu cabelo crespo
(Saulo Pessato,2016)

RESUMO

AQUINO, Giselle Rodrigues Leal. “**A escola como um espaço de ressignificação do cabelo crespo.**”. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura , Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho visa contribuir com a pesquisa no Ensino das Artes Visuais na perspectiva de uma pedagogia antirracista e multicultural. Buscou mapear historicamente a trajetória do Cabelo crespo, resistindo ao longo do tempo a padrões eurocentricos, analisando possíveis transformações na concepção dos alunos sobre as raízes africanas do povo brasileiro – que carregamos em nossos traços fenotípicos e culturais . Se aprofundando em questões de decolonialidade, branquitude, racismo, de pertencimento ao território, abordando aspectos vividos e relatados no ambiente escolar, o cabelo afro, ancestralidade, identificação e empoderamento.

Palavras-chave: Artes visuais. Educação Antirracista. Relações étnico-raciais

ABSTRACT

AQUINO, Giselle Rodrigues Leal. “**A escola como um espaço de ressignificação do cabelo crespo.**”. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura , Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.

This work aims to contribute to research in the Teaching of Visual Arts from the perspective of an anti-racist and multicultural pedagogy. It sought to historically map the trajectory of curly hair, resisting Eurocentric patterns over time, analyzing possible transformations in the students' conception of the African roots of the Brazilian people - which we carry in our phenotypic and cultural traits. Deepening into issues of decoloniality, whiteness, racism, belonging to the territory, addressing aspects experienced and reported in the school environment, afro hair, ancestry, identification, empowerment and hair transition.

Keywords: Visual arts. Anti-racist Education. Ethnic-racial relations

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVO	13
2.1	Objetivos Gerais	13
2.2	Objetivos Específicos	13
3	JUSTIFICATIVA	14
4	A IDENTIDADE DO CABELO	16
4.1	A negação do cabelo crespo	20
5	O MOVIMENTO BLACK POWER	24
5.1	Movimento Black Power no Brasil	26
6	O CABELO CRESPO RESISTE	31
7	ARTISTAS E A LINGUAGEM DO CABELO	33
8	O CABELO CRESPO EM UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA ..	38
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende abordar um tema que muito tem sido discutido sobre as relações étnico-raciais no ambiente escolar, mais especificamente, o ensino da História e Cultura Afro-brasileiras previsto pela lei 10.639/2003 e 11.645/2008. Que estabelece e especifica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O meu interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu da necessidade de aprofundar o conhecimento pertinente ao ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e suas reverberações no contexto escolar. Possuo formação em Educação Artística e habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, graduada em 2008. Atualmente, sou docente efetiva da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e do Estado do Rio de Janeiro, o que torna imprescindível a apropriação dos conteúdos previstos pela referida Lei, assim como sua aplicação prática em minhas aulas.

Entendo a disciplina que leciono, como uma ferramenta importante, para o caminho de uma consciência antirracista. Trabalhos são realizados, abordando principalmente a estética negra, como traços, o cabelo crespo e a cor da pele. Utilizando reportagens atuais, que falam diretamente de pessoas vítimas de racismo, são abertas discussões profundas em sala de aula, e pôr, na maioria, ter em minha sala alunos negros, ouvimos inúmeros relatos dos discentes, que colaboram com o debate, levando-nos a concordar que ainda vivemos em um país racista. Os alunos acabam entendendo a aula como um espaço de fala, e trazem também questões para serem discutidas. Refletimos sobre padrões estéticos, e o quanto nós ainda propagamos falas e pensamentos preconceituosos. Realizo durante o ano diversas ações expositivas com símbolos e frases antirracistas, que os alunos realizam, expondo-os pela unidade escolar.

Sendo a escola um ambiente de aprendizagem, entende-se também como um espaço de troca de vivências, importante na construção de indivíduos em constante formação, no que contempla a humanidade e cidadania. Os profissionais da educação, tem mostrado mais interesse pelas questões étnico raciais. As secretarias de Educação cobram de seus gestores, projetos que sejam realizados no ambiente escolar e gerem essa movimentação e conscientização da importância desse tema, procurando debater sobre questões tão atuais e pertinentes nos dias de hoje, o diálogo entre culturas.

Aos poucos, os educadores e as educadoras vêm se interessando cada vez mais pelos estudos que articulam educação, cultura e

relações raciais. Temas como a representação do negro nos livros didáticos, o silêncio sobre a questão racial na escola, a educação de mulheres negras, relações raciais e educação infantil, negros e currículo, entre outros, começam a ser incorporados na produção teórica educacional (Gomes, 2009,n/p)

Mesmo com esse desejo de buscar um melhor entendimento, ainda precisamos avançar e caminhar em relação a esse assunto, tão negligenciado.

Podemos observar o triste reflexo em sala de aula, em situações variadas, um ambiente que contribui bastante para esse comportamento, pode -se dizer que muitas crianças são vítimas das primeiras falas preconceituosas na escola. Muitos alunos são alvos de brincadeiras racistas, no que contempla, traços, corpo, cor e cabelo. Assim sendo, propôs-se, aqui, enxergar as aulas de arte sob as lentes de uma pedagogia antirracista e multicultural. A motivação deste trabalho nasce a partir do momento em que, na prática docente diária, foram observados diversos episódios ocorridos especialmente entre alunos, brincadeiras racistas, xingamentos, discriminações e o não reconhecimento ou a negação da herança africana, proferidas a alunos negros.

O título do trabalho “A escola como um espaço de discussão na ressignificação do cabelo crespo”, estabelece um diálogo que precisa transpor preconceitos em relação à estética negra, passando por um processo de mutação. O título vem reforçar a importância do tema na educação para as relações étnico-raciais, indicando que é possível promover transformações na perspectiva dos alunos sobre as próprias raízes e sobre o entendimento que possuem sobre si.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Mediante a reflexão acerca do posicionamento estético-político das populações negras no seu enfrentamento à branquitude quanto a padrões de beleza, proponho a seguinte questão: analisar a ressignificação do cabelo crespo, como representatividade no ambiente escolar, para alunos, no combate antirracista.

2.2 Objetivos Específicos

Compreender a relevância do aprofundamento na História e Cultura Afro-brasileiras na construção de uma sociedade antirracista.

Mapear artistas, em diversas áreas, que dialogam com a representatividade na construção da identidade negra através do cabelo crespo.

Relacionar com as deficiências, existentes por anos de negligência, do ensino da História e Cultura Afro-brasileiras na escola, investigando possibilidades para uma mudança que contribua nas aspirações da afirmação de identidades relacionadas ao cabelo crespo.

3. JUSTIFICATIVA

Durante a pandemia, no ano de 2020 pude desenvolver um projeto chamado *Sociedade das Crespas* em consonância com mais duas professoras negras da rede pública de ensino, sobre nossos cabelos crespos, cacheados e encaracolados. Produzimos vários vídeos sobre cabelos crespos, os quais denominamos *ARABESCO*. A proposta era narrar histórias de afetos sobre os nossos cabelos. Participamos e convidamos parceiros para compor este trabalho, com narrativas que contam relatos de histórias, positivas ou não. Decidimos usar a narração de descobertas e apropriação da autoimagem, através de uma série de vídeos que contam experiências tão silenciadas e dolorosas, apagadas e esquecidas por nossa sociedade, falas de vidas de re-existências.

Esse material foi enviado para turmas do Ensino Fundamental de uma escola do município do Rio de Janeiro, localizada em Acari. A região é marcada por muitos problemas sociais, falta de acesso à cultura, ao lazer além de um ambiente de muitos conflitos, de violência. Na sua grande maioria a escola possui alunos negros, com pouca consciência sobre sua origem étnica. As turmas receberam a atividade por meio de um aplicativo de mensagens em redes sociais e foram motivados a produzirem seus próprios vídeos com seus relatos sobre os seus cabelos, de forma livre. As professoras também gravaram vídeos manipulando os seus cabelos crespos e contando relatos de preconceitos sofridos pelo volume e textura dos mesmos. Essa ação gerou uma identificação maior por parte dos alunos, os deixando mais à vontade, para também produzirem seus vídeos. Outra parte considerável foi a aproximação gerada com as turmas que estavam em isolamento decorrente da pandemia, sem contato presencial algum. Foram resultados muito potentes, de profunda troca.

Arabesco são combinações feitas através de linhas circulares, geométricas, entrelaçadas, cruzadas. Correntemente se igualam às formas de plantas, um ornamento de origem árabe que se caracteriza pelo cruzamento de linhas. Os arabescos são elementos da arte Islâmica, é um símbolo de reconstrução para os Muçulmanos. Essas formas simbolizam o infinito, a ideia de um traço sem fim, constituem um padrão que se estende para além do mundo visível e material, acredita-se que estes desenhos representam a grandiosidade da natureza e a beleza do infindável. Esse termo dialoga com a busca da liberdade do fio crespo, com o empoderamento de mulheres e homens negros, da necessidade de enxergar suas relações com sua própria imagem, com a beleza infinita de

traços, corpo e cabelo. Esse trabalho desenvolvido com os alunos, me impulsionou a desenvolver esse tema de pesquisa, e buscar historicamente acontecimentos que marcaram esse caminho de apagamento da estética negra, mas também de muita resistência e luta.

Nos vídeos fez entender as frases que se repetiam trazendo questões relatadas sistematicamente: “doía muito para pentear”; “eu não gostava do volume do meu cabelo”; “precisava baixar a raiz”; “o cabelo parecido com o meu é ruim”. Essas são algumas falas, que encheram de verdade e riqueza nosso trabalho, relatos potentes que trazem inspiração, conforto e coragem. Entendemos que falar de si é uma forma de elaborar todo o processo em questão e inspirar outras pessoas a refletirem sobre si, sobre suas vidas e suas trajetórias. Não se trata de inverter padrões, mas de nos permitirmos um autoconhecimento honesto, com as demandas individuais e coletivas implicadas.

4. A identidade do cabelo

Ao pensarmos na representação do cabelo ao longo da história, podemos considerar elementos marcantes que exprimem sua importância, seja por traduzir força, sensualidade, poder ou até mesmo ameaça, como os da Medusa, famosa na mitologia grega com seus cabelos eram serpentes. Sansão, personagem da bíblia, recebeu grande poder contra seus inimigos, o que permitia realizar grandes feitos. No entanto, se o cabelo comprido de Sansão fosse cortado, ele perderia suas forças. A história de Rapunzel, também baseia-se em longos cabelos, que serviam como corda para a bruxa e para subir na torre do castelo, onde ela se encontrava presa.

Muitos povos entendem o cabelo como provocação sexual, no sentido de pecado como no caso das mulheres muçulmanas que não podem mostrar seus cabelos em público, e para as judias ortodoxas que lhes é negado se apresentar com cabelos visíveis após o casamento. O cabelo cortado ou raspado também caracteriza o celibato e a castidade. Os fios contam histórias, desde o homem das cavernas, passando por Cleópatra, pelas perucas usadas no século XVII e XVIII, aos penteados Vikings e de sociedades africanas, como a tribo Himba da Namíbia, onde os cabelos das mulheres são trançados em diferentes graus de complexidade, utilizando uma mistura de solo, rocha vermelha e manteiga. São inúmeras formas de representação, e mais que isso, exprime subjetividades e peculiaridades.

Observa-se que, para a construção de uma nação, muitos são os elementos que expressam a sua identidade: a maneira de se vestir, dialetos, linguagens, comidas, hábitos, doutrinas, o corpo e o cabelo. Quando mencionamos o cabelo crespo, este passa por um caminho de bravas lutas para permanecer intacto a alisamentos e estereótipos de branquitude, mantendo a autenticidade do fio. Um cabelo que atravessa o tempo sendo marcado por apontamentos sobre ser bonito ou feio, ser bom ou ruim é como sofrer uma castração social. Coube à colonização imprimir na sociedade um padrão de beleza, se afastando de traços pertencentes ao povo negro, não só do cabelo, mas do corpo também. Como diz Gomes (2008):

Por mais que a escravidão e a diáspora negra tenham obtido sucesso na despersonalização do negro, por mais que a mistura racial tenha mesclado corpos, costumes e tradições e por mais que o contato com o branco tenha disseminado um processo de discriminação intra-racial entre os negros e introduzido uma

hierarquização racial que elege o tipo de cabelo e a cor da pele como símbolos de beleza e feiúra, todo esse processo não conseguiu apagar as marcas simbólicas e reais que nos remetem à ascendência africana. O corpo, a manipulação do cabelo são depósitos da memória (GOMES, 2008, p. 321).

O cabelo crespo é uma marca de empoderamento, um símbolo de resistência, uma expressão. A sua textura, o seu volume possui voz. Um cabelo aprisionado, manipulado, esquecido é como se estivesse escravizado, junto com o corpo negro. A sua liberdade como um encontro com a sua ancestralidade.

Alterar a aparência e a textura do cabelo no processo de alisamento, dialoga com a busca por uma aceitação social é uma negação ao fenótipo negro, uma afirmação do discurso negro de hegemonia. Nos anos 80, o “ferro quente” levado direto ao fogo, passado na cabeça para obter fios lisos, era um ato extremamente penoso. Quantas queimaduras essa ferramenta não causou? Sem falar nas substâncias químicas de alisamento, que futuramente seriam proibidas, por causarem doenças. O INCA, Instituto Nacional do Câncer, fornece a seguinte informação:

O formol é considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) uma substância cancerígena para humanos, enquadrando-se no grupo 1, ou seja, com fortes evidências de carcinogênese em humanos e em animais. A legislação sanitária permite que os produtos cosméticos capilares contenham uma concentração de apenas 0,2% de formol como conservante, durante o processo de fabricação. Qualquer adição de formol em produtos já prontos **não** é permitida, acarretando riscos à saúde da população e constituindo-se em infração sanitária nos termos da Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977. Para atingir o efeito alisante, o formol deveria ser empregado em concentrações maiores, o que é totalmente vetado. Ademais, a aplicação do formol conjugada ao uso de recursos térmicos promove a evaporação do produto, provocando irritações cutâneas, oculares e respiratórias. (INCA,n.p.)

Um questionamento se levanta acerca desse assunto: por que tantas mulheres se submetem a esses tratamentos? A resposta está em querer pertencer a uma sociedade que trata o cabelo crespo como inadequado para uma vaga de emprego, para o comercial da televisão, para um protagonismo na novela. Para o papel de empregada ou para comédia, para este, servirá.

Alguns filmes e séries, foram realizados por duas importantes atrizes brasileiras, Ruth Souza, que “Em A Cabana do Pai Tomás” (1969), foi Tia Cloé, uma das líderes do movimento que levou à abolição da escravidão nos Estados Unidos. Ruth foi a primeira

atriz negra a se apresentar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, foi também a primeira brasileira indicada ao prêmio internacional de cinema. Já Zezé Motta também trilhou um caminho importante na dramaturgia brasileira, mesmo tendo antes atuado em outros trabalhos, sua participação no filme “ Xica da Silva” (1976), um papel importante, que marcou o cinema nacional, sua personagem subvertia o regime escravocrata. Na sua maioria atrizes negras não possuem grandes papéis, e assumem o protagonismo da história, tendo pouca representatividade ainda nos dias de hoje. Entre 1996 e 1997, a rede Manchete exibia a versão em forma de novela de “Xica da Silva”, estrelada pela atriz Taís Araújo, a narrativa da escrava que virou rainha. Já em 2004, Taís assume o papel de protagonista, uma das poucas participações femininas negras em papel principal, a dramaturgia é intitulada como “Da cor do pecado”, que entende-se: O pecado é definido como:” Desrespeito a algum preceito religioso; transgressão da lei de Deus ou dos mandamentos da Igreja". Atitude que demonstra maldade; perversidade”¹, além de outros sinônimos como “maldade; infração, desgraça, culpabilidade, deslize, aberração, desacerto, desatino, deficiência, malícia, malvadez, perversidade, declínio, ruína, contravenção, corrupção, imperfeição, transgressão, violação, mentira”. Adjetivos esses relacionados a cor da pele negra.

Figura 1: Abertura da novela, 2004



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Da_Cor_do_Pecado

A personagem se chamava ”Preta”, era feirante e seu par romântico, um homem branco, rico, chamado Paco, mantinham uma relação inter-racial. Os fios do cabelo da

¹fonte: www.dicionarioinformal.com.br Acesso em: agosto/2021

atriz foram nitidamente alterados para se encaixar no papel da primeira protagonista negra de uma novela contemporânea, buscou-se uma imagem que fosse “aceita”, para 2004, ano de veiculação da narrativa. Taís Araújo pôde demonstrar em outros papéis, programas e comerciais de televisão, que seu cabelo natural se distancia bastante do utilizado pela protagonista da novela “Da cor do pecado”.

Ao longo dos anos, a Estética Negra é vista com depreciação, a imagem do homem negro ainda é bastante atribuída a marginalidade e inferioridade.

Figura 2: Atriz Taís Araújo



Fonte: <https://observatoriodatv.uol.com.br/novelas/>

Em 2018, Rhaul de Lemos Santos, escreve um artigo para o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros intitulado “O corpo negro: a estética negra como forma de resistência, citando sua própria vivência’ relembra:

Tenho algumas lembranças de quando minha mãe me levava ao barbeiro para cortar o cabelo, eram momentos tensos, sempre que meu cabelo crescia e minha mãe achava necessário cortar, íamos em um barbeiro diferente, estas mudanças de barbeiro ocorria porque era comum quererem sempre passar máquina em meu cabelo e minha mãe relutava que isto acontecesse, exigia que meu cabelo fosse cortado na tesoura. No pensamento do barbeiro, não era necessário o uso da tesoura, cabelo crespo, aparar com tesoura, para que? Passa logo a máquina que tudo se resolve, acredito que era esse o pensamento deles. (Santos,2018, p.7)

O que estão aprendendo nossas crianças negras por estarem em contato permanente com meios de comunicação de massa, que não dão o devido lugar para todos os tons de pele? E dentro do ambiente escolar? Construir uma identidade, aprendendo que seus iguais eram “escravos”, que serviam apenas para trabalhar, que não tinham cultura alguma, que não contribuíram para a evolução da sociedade, fará com que essa criança negue imediatamente a sua ancestralidade, terá dificuldade em aceitar o seu pertencimento à população negra. Ele reflete que provavelmente se verá herói, e ela começa a entender que dificilmente poderá ser a princesa dos contos de fadas.

4.1 A Negação do cabelo crespo

Uma população inteira aprendeu com o evento da colonização, a rotular pessoas pelo tom da sua pele. A escravização, atendia a demanda da mão de obra trabalhista portuguesa, que se instalava no país, um ato cruel, que tentava deslegitimar a contribuição histórica dos Africanos, e não só sua cultura, mas questionava-se seus padrões beleza, características físicas, que muito se distanciavam do padrão Europeu. No Brasil ainda persiste a discussão estética, sobre o corpo negro, seu fenótipo. O cabelo crespo é alvo constante de preconceito, o crespo era um sinal de desleixo, relacionado com seu volume, textura, a falta de higiene, ou até mesmo, como falta de qualificação profissional. Desde muito pequenas, meninas já sofrem com penteados, que impedem a soltura do cabelo, até na utilização de químicas, e meninos utilizando máquinas, para manter seus cabelos raspados. Em um trecho da música interpretada pela cantora Sandra de Sá, chamada “Olhos coloridos”, que diz: “Todo o brasileiro tem sangue crioulo”, aborda o fato de pessoas, que não possuem a cor da pele retinta, mas detém traços negros, como o cabelo crespo. Uma infinidade de aspectos contribui para a formação do povo brasileiro, oriunda dos Africanos, como: a música, a dança, a culinária e a religião.

Com o final da escravidão nos Estados Unidos, ainda predominava as questões que faziam referência ao negro, imperando o padrão de beleza Europeu, os padrões de branquitude. Homens e mulheres negros eram estereotipados como, feios, malandros, malvestidos e perigosos. A busca por tratamentos químicos por mulheres era resultado da pressão sofrida para disfarçar seus cabelos, os transformando em lisos. Muitas maneiras surgiam com o intuito de esconder o formato do cabelo natural, inúmeras perucas foram usadas para esconder o fio crespo. (Fig.3)

Um dramaturgo Americano chamado Thomas Darmouth Rice, no início do século XIX, cria um personagem, conhecido como *Jim Crow* ou *Jump Jim Crow*, em português Crow significa Corvo, especula se que esse adjetivo poderá ter sido criado em paralelo a águia careca, símbolo Americano, que representa longevidade, força, coragem e majestade. O corvo, por sua vez, é simbolicamente relacionado com o mau agouro, a morte, o azar e com outros elementos obscuros e sombrios, uma ave preta, que come carniça e restos.

Ajudando a corroborar com o preconceito a negros, fazendo uma performance com a sátira de uma canção típica entre os escravos, utilizando a prática de blackface, que era o ato de brancos se pintarem de pretos, se apresentando em casas de show. Usando estereótipos de referência americana em relação aos negros escravizados, os imitando de maneira cômica e estereotipada, as apresentações mostravam o negro inferior e bem menos desenvolvido intelectualmente, usando farrapos, cometendo trapalhadas, fazendo tanto sucesso que concebe um gênero novo de apresentações semelhantes, o “The minstrel show” e dá o nome as leis de segregação racial informalmente de Jim Crow, leis essas que exigiam a segregação de escolas públicas, locais públicos e transporte público, e a segregação de banheiros, restaurantes e bebedouros para brancos e negros.

Figura 3: Propaganda com vários tipos de perucas, onde se lê “É fácil ter um cabelo bonito”.

It's Easy to Have a Beautiful Head of Hair

Fashion Fair Kanekalon® Synthetic Stretch Wigs come to you not just pre-styled, but completely styled.

Made on specially-designed comfort-cap stretch base, your ready-to-wear Kanekalon® wig is easy-to-care for, and looks like real hair, but is trouble free.

Washes, drip dries, it goes right back on your pretty head.

Shown here are five exciting coiffures at fantastically low prices—so inexpensive you'll want to buy several!

Change your mood . . . change your hairstyle in minutes!



36
"Carefree"—The casual, easy to wear creation. It's versatile—truly a delight to wear and enjoy—Toss it into curls, brush it into sleek sophistication. \$19.95



37
"Caresse"—The ultimate in styling and design because it is completely hand-made. Each strand of hair individually implanted. Can be brushed and combed in any direction. Very light and comfortable. \$39.95



38
The Fashionable "Side Part" to give you a brand new look. Natural part and hand-finished front. Never needs setting—wear and wash and wear again. \$35.00



39
The "Shag"—The Most Talked about new wig for 1970! You will adore the extra-long tapered back that really stays down. The top is wind-blown, light and airy with soft tendrils framing the face. \$29.95



40
The Ever Popular "Dutch Boy"
A light-weight wig that is tapered at the nape for an absolute natural look, with swinging side quiches and full bang. \$30.00

FASHION FAIR WIGS 801 ½ 75th, Chicago, Ill. 60680 Dept. EFR

Please send me items marked below.

Style #	Description	Price

CHECK COLOR:
 Jet Black Off Black Dark Brown Medium Brown
 Light Brown Dark Auburn Light Auburn Blonde
 Mixed Grey Medium Frost.

NOTE: For each month, send hair sample. (We have 83 shades.)
 I enclose money order for \$..... in full payment. FASHION
 I will pay all postage charges.
 Send C.O.D. I enclose \$5.00 deposit. I will pay balance to the postman, plus postage charge when delivered.

NAME _____ (please print)
 STREET or ROUTE _____
 CITY _____ STATE _____ ZIP _____

Mail Your Order Today Immediate Shipment

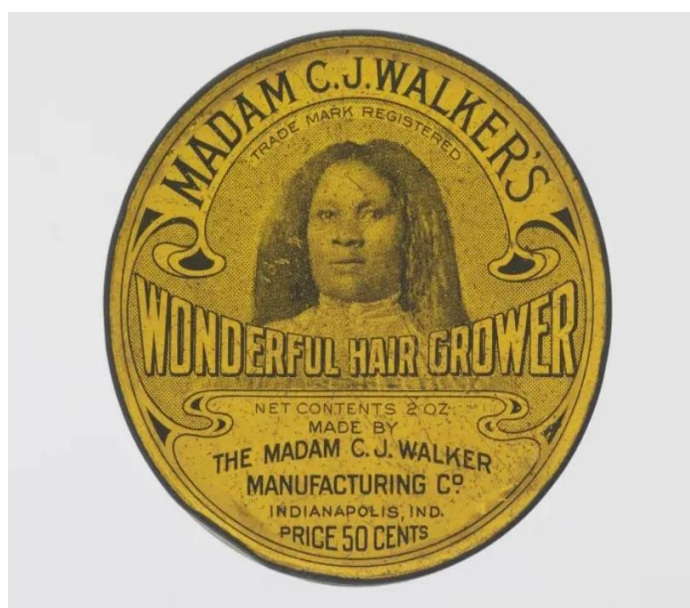
Figura 4: Capa de uma das primeiras edições da partitura da canção Jump Jim Crow, c. 1832



Fonte: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/cabelo-black-power/>

No início do século XX, nos anos de 1900 Annie Malone e Madame C.J. Walker desenvolveram um produto para alisar o cabelo das mulheres Americanas, mesmo tendo passado muitos anos, as mulheres continuam buscando o padrão de beleza Europeu. Annie Malone promove o uso do pente quente elétrico, uma tentativa de ser menos agressivo, e causar menos danos como o pente quente usado no fogo, também vendeu um produto chamado “Wonderful Hair Grower”. Em 1905, a Madame C.J. Walker torna-se milionária através da criação do “Método Walker”.

Figura 5: Pomada de Madam C.J. Walker’s, o “Wonderful Hair Grower”.



Fonte: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/cabelo-black-power/>

A cada dia mais a identidade negra era apagada, afetando características físicas, na busca do embranquecimento, o negro que possuía um tom de pele mais claro, imediatamente era melhor visto, conseguia melhores empregos, do que os que possuíam o tom mais retinto. Podemos refletir o quanto esses produtos foram nocivos, produtos esses que não só serviam para alisamento dos cabelos, mas também para o clareamento da pele, como na propaganda da “Pears soap” com a ilustração de uma criança negra sendo lavada e ficando branca, como se a sua cor se tratasse de sujeira, em 1884, maraca existente até os dias de hoje.

Figura 6: Propaganda do Pears’ soap com a ilustração de uma criança negra sendo lavada e branqueada, como se a sua cor se tratasse de sujeira, 1884



Fonte: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/cabelo-black-power/>

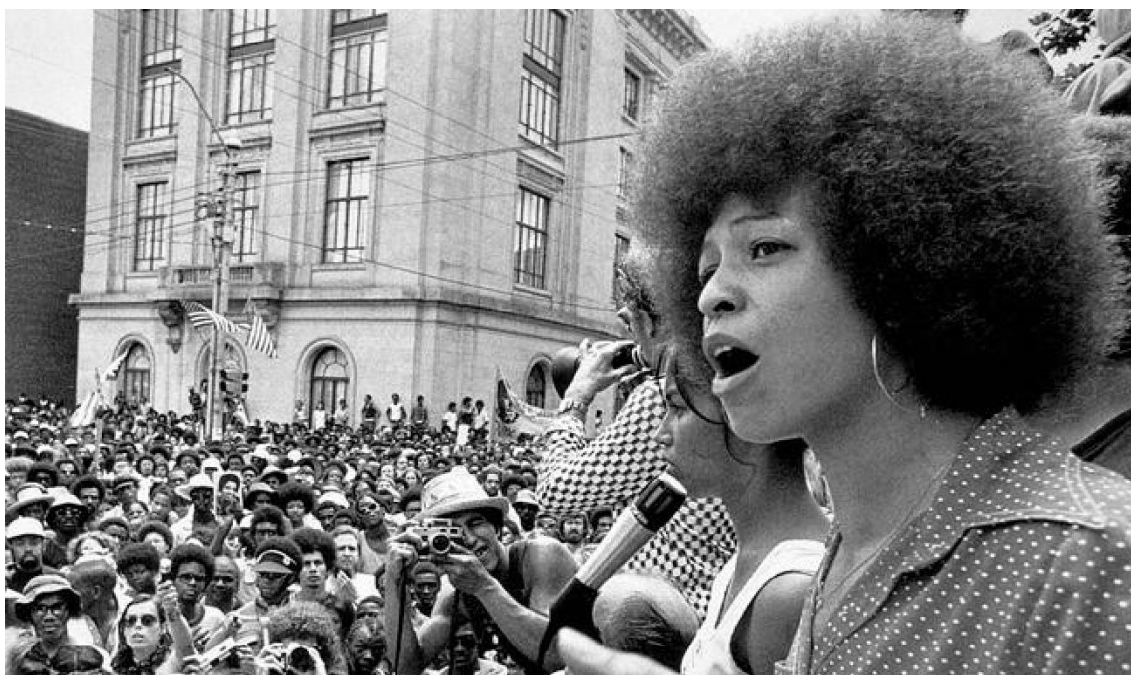
Essa imposição social, extremamente racista, preconceituosa, que não valorizava características naturais do povo negro, que insiste na escravização através do menosprezo e do constante ataque ao seu fenótipo. A quebra dessa imposição começa a ganhar força por um movimento, e um deles tem no cabelo o seu grande símbolo, inicia-se a luta para que o cabelo crespo seja verdadeiramente livre.

5. Movimento Black Power

O cabelo fez revolução através do movimento Black Power. Proeminente do final dos anos 1960 e início dos 1970, o movimento enfatiza o orgulho racial e a criação de instituições políticas e culturais negras para cultivar e promover interesses coletivos negros, com o slogan *black is beautiful*, ou seja, ser negro é lindo. Em 1966, foi criado o termo black power por Stockley Carmichel, militante do movimento negro estadunidense. Uma de suas frases era “O que vamos começar a dizer agora é poder negro”. Um sentimento que tomou conta do movimento naquele momento era andar na contra mão a toda apagamento negro ao longo da história.

Um dos grandes nomes desse movimento, por incentivar ao uso do black power, foi Angela Davis, um símbolo da luta pela valorização e reivindicação de representatividade gerada nos anos de 1960, um desafio ao padrão do cabelo liso, com a libertação do cabelo crespo para transmitir resistência e empoderamento de mulheres e homens negros.

Figura 7: Angela Davis, ano 1960



Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2017/01/a-vida-e-a-luta-de-angela-davis/>

Davis ratifica em seu discurso, a luta constante que negros travavam para serem tratados igualmente, e terem respeitados princípios básicos, como ter uma moradia, se alimentar e o direito de ir e vir.

Nós toleramos muito e acreditamos na paciência, nós vimos o nosso mundo partido e destruído, os nossos homens feitos fugitivos e vagabundos ou a sua juventude e força gasta no cativeiro. Nós próprias somos diariamente impedidas e oprimidas na corrida da vida; nós sabemos que todas as oportunidades de avanço, de paz e felicidade nos serão negadas; ... os homens e mulheres cristãos recusam absolutamente... em abrir as suas igrejas para nós; as nossas crianças... são consideradas legítimas presas para insultos; As nossas raparigas jovens podem a qualquer altura ser atacadas para dentro de um carro sujos e imundo cheio, e, não interessam as suas necessidades, ser recusada comida e abrigo.” (Davis, p.98,1982)

Essa revolução também passa pelas mãos de importantes líderes do movimento negro, como Malcon X, que fundou a Organização para a Unidade Afro-Americana, de inspiração separatista. Defensor dos direitos dos afro-americanos, conseguiu mobilizar brancos e negros na conscientização sobre os crimes cometidos contra a população afro-americana. Martin Luther King, foi um dos defensores da mudança social não violenta mais conhecidos do século XX que promulgou a Lei dos Direitos Civis em 1964, o mesmo ano em que ele é distinguido com o Prémio Nobel da Paz. O Partido dos Panteras Negras também surge como um grupo comunitário de luta contra a brutalidade policial e o racismo.

O cabelo crespo se torna um símbolo de resistência, de afirmação da identidade negra, de expressão da cultura e principalmente de contestação ao racismo, no enfrentamento de um padrão eurocentrista, na luta antirracista, no domínio do pente garfo, da cabeleira, das tranças, do Black Power, dos Dreads. Cabelos crespos carregam histórias, tradição, valores, espiritualidade e conhecimento. A questão do cabelo está muito além da estética somente, é um caminho de encontro com a liberdade. Sempre ouvi falar palavras de aprisionamento, que foram proferidas para muitos crespos e crespas, “esse cabelo precisa ser alisado”, “domado”, “domesticado”, “acalmado”, “preso”, adjetivos presentes no ambiente familiar, na escola, na roda de amigos, uma força ao aniquilamento e distanciando do lugar ao qual se pertence, a doutrinação por padrões impostos por uma pele branca.

Ao olharmos ao nosso redor estamos rodeados de cabelos crespos, que se escondem atrás de chapéus, lenços, prendedores de cabelo, químicas de alisamento e perucas. Isso tudo está relacionado não somente à afirmação, mas a um lugar de pertencimento por direito, parte da pátria, de um lugar, do mundo, que durante anos foi exterminado, roubado, escondido.

No Brasil, ainda se busca um ideal de beleza aceitável, que segue os padrões de branquitude, resultado de uma colonização eurocêntrica. Ainda faz parte da estética de muitas crespas, a padronização para uma aceitação social. Ocupar espaços que ainda resistem a presença de negros e negras, ainda é uma realidade em regiões do país. O exercício de olharmos, em determinados bairros de classe média alta, como a Zona Sul do Estado do Rio de Janeiro, quais são os lugares que negros ocupam nesses espaços, e como precisam se comportar para caber dentro de um padrão social, mostra o quanto ainda precisamos avançar sobre essas discussões.

Se lutava pelo direito ao voto, a entrada em lugares somente frequentados por brancos. O movimento black power inaugurou a mobilidade de repatriamento de uma comunidade inteira negra.

...penteados afros expressam protagonismo contestador, em arte corporal que comunica, insurge, fala de pensamentos crespos, filosofias a contrapelo, religiosidade em ética de matriz africana e antirracista, em subjetividade corpórea, construindo linguagens próprias. O cabelo como antídoto, promotor de reflexões anti-eurocênicas, na contramão de ideologias produtoras de sentimentos de superioridade branca e inferioridade negra, implica, segundo Raymond Williams (1979), bombardear tais conceitos, alcançando o âmago de como, historicamente foram forjados. (Silva 2020, p. 4)

Nos anos 1930 temos o surgimento do movimento Rastafari, com muitos conceitos religiosos, mas não deixando de ser uma referência para uma discussão sobre a estética negra. Marcus Garvey era um líder negro nacionalista, nascido na Jamaica, fundador da Igreja Ortodoxa Africana. Ele por sua vez influenciava seus seguidores a imaginar um Jesus negro, a igreja era um símbolo do anticolonialismo no Quênia e em Uganda, um de seus interesses é tornar a raça negra economicamente igual a branca. Os dreadlocks são associados a forma de cabelo usado pelo movimento, especula-se que essa forma de usar o cabelo revelava um temor ao Senhor, como uma oferta de voto e fé.

5.1 Movimento black power no Brasil

Em meados dos anos 70 ocorreu o auge do movimento Soul, no subúrbio do Rio de Janeiro, fervia ao balanço da música negra. O cabelo Black Power marcava o estilo

usado naquele momento, onde era difundida a soul music e o samba, um fenômeno na juventude escolarizada pelo regime militar. Um nome muito importante para o movimento negro no Brasil, Abdias do Nascimento, que foi exilado e se tornou professor emérito da Universidade Estadual de Nova York, além de militante na luta contra a discriminação racial e pela valorização da cultura negra. Responsável pela criação do teatro experimental do negro, Abdias volta ao Brasil e influencia politicamente, trazendo vivências e sonoridades americanas. Jovens Brasileiros negros se apropriam de músicas e realizam bailes blacks, fazendo das canções, versões e interpretações nacionais.

Um outro nome que possui grande importância e representa o movimento Black Power, foi Toni Tornado, que clandestinamente entra nos Estados Unidos e lá sofre preconceito por parte dos brancos Americanos. Conhecendo as panteras negras, ouviu propostas do movimento, conhecendo um dos maiores líderes pela luta dos direitos negros, Stokely Carmichael. A apresentação de Toni Tornado no palco do FIC (Festival Internacional da Canção), inspirada nas performances sensuais de James Brown, passou a representar, de certa forma, uma ameaça para a sociedade brasileira, de que um negro pudesse desestabilizar o conservadorismo da branquitude.

A postura de Toni Tornado, em específico, desafiou a ditadura militar, com um gestual e repertório que lembravam o radicalismo dos Panteras Negras. O auge da transgressão foi, no entanto, em 1971, quando apresentou, junto com a cantora Elis Regina, a música “Black is beautiful”, dos irmãos do Valle, reafirmando o discurso iniciado no movimento Black Power dos Estados Unidos. Gerson King Combo, Wilson Simonal fizeram parte da Banda Black Rio, uma banda de funk, soul, samba-funk, samba jazz e jazz fusion formada em 1976 pelo saxofonista Oberdan Magalhães, durante a ebulição cultural do movimento Black.

O Militarismo naturalmente se preocupou com esse movimento musical e de enaltecimento do black power, em várias festividades houve intervenção da polícia, como um evento reunindo mais de 30 mil pessoas na quadra do Portelão, em Madureira, Rio de Janeiro, quatro camburões retiraram as pessoas com truculência do local. Um comando da polícia também invadiu o Guadalupe Country Clube, no Rio de Janeiro, em 1974, no lançamento de um disco da equipe Soul Grand Prix, não somente as bolsas eram revistadas, mas também os cabelos blacks. Os artistas negros tornaram-se subversivos por exibir orgulho de sua cultura e cor.

Figura 8: Tony Tornado durante o V Festival Internacional da Canção, em 1970.



Foto: Arquivo / Estadão

A música traz elementos do movimento negro Americano, que para o negro, aqui do Brasil foi um instrumento poderoso para enfrentar o racismo e combater o preconceito. A imagem do negro empoderado, usando Black Power, se expressando artisticamente, com canções contendo palavras de resistência, um importante veículo de valorização da herança afro-brasileira no Brasil. Nos anos 70, artistas como Jorge Ben, Tim Maia, Gilberto Gil e Wilson Simonal cantavam o orgulho de ser negro em canções como "Zumbi", "Negro é Lindo", "Rodésia", "Que bloco é esse", "Tributo a Martin Luther King" e muitas outras.

Uma imagem muito importante registrada durante o Carnaval de 1972 por Carlos Vergara, um fotógrafo e pintor brasileiro que registrou um momento em que três homens negros com os cabelos descoloridos, Black Power, sem camisa e com a palavra poder escrita no peito, as margens da Central do Brasil, dentro do Bloco de Carnaval do Cacique de Ramos, um local no subúrbio Carioca, fundado por jovens negros. Vergara se depara com o racismo estrutural, fazendo ele, uma série de imagens, durante os anos mais duros da ditadura militar, relevantes ainda hoje, naquela época um negro sem camisa era tido como vagabundo.

Figura 9: Bloco de Carnaval Cacique de Ramos, 1972



Foto: Carlos Vergara

O racismo continua sendo um grande problema social, e o cabelo Black Power até os dias atuais ainda se mantém como um dos principais símbolos do movimento negro, a expressão da luta, buscando respeito. Ainda é muito presente na sociedade o deboche, o menosprezo quanto às características de pessoas negras, muitas vezes justificados com brincadeiras.

Um caso que ganhou muita repercussão no ano de 2021, no programa Big Brother Brasil, da emissora Globo, que envolveu os participantes João e Rodolfo, ao comparar uma fantasia de “homem das cavernas”. Um debate se acendeu, gerando muitas discussões. Esse assunto está longe de ser tratado como espetáculo, como entretenimento. As constantes agressões estão ligadas a um histórico racista, da maneira que lidamos com o aspecto e fio do cabelo crespo. Qual é o julgamento que fazemos acerca do cabelo crespo? O participante do reality show João Luiz diz em desabafo: “Estou cansado de ouvir isso, não é só aqui dentro, é lá fora também”². É como se esse desabafo não tivesse valor, como se a dor de João não valesse de nada, uma constante tentativa de aniquilação do fenótipo negro.

²fonte: <https://fb.watch/cyJNXbW3qT/> Acesso em: Março de 2022

Figura 10: Participante do reality show, João a esquerda e Rodolfo a direita



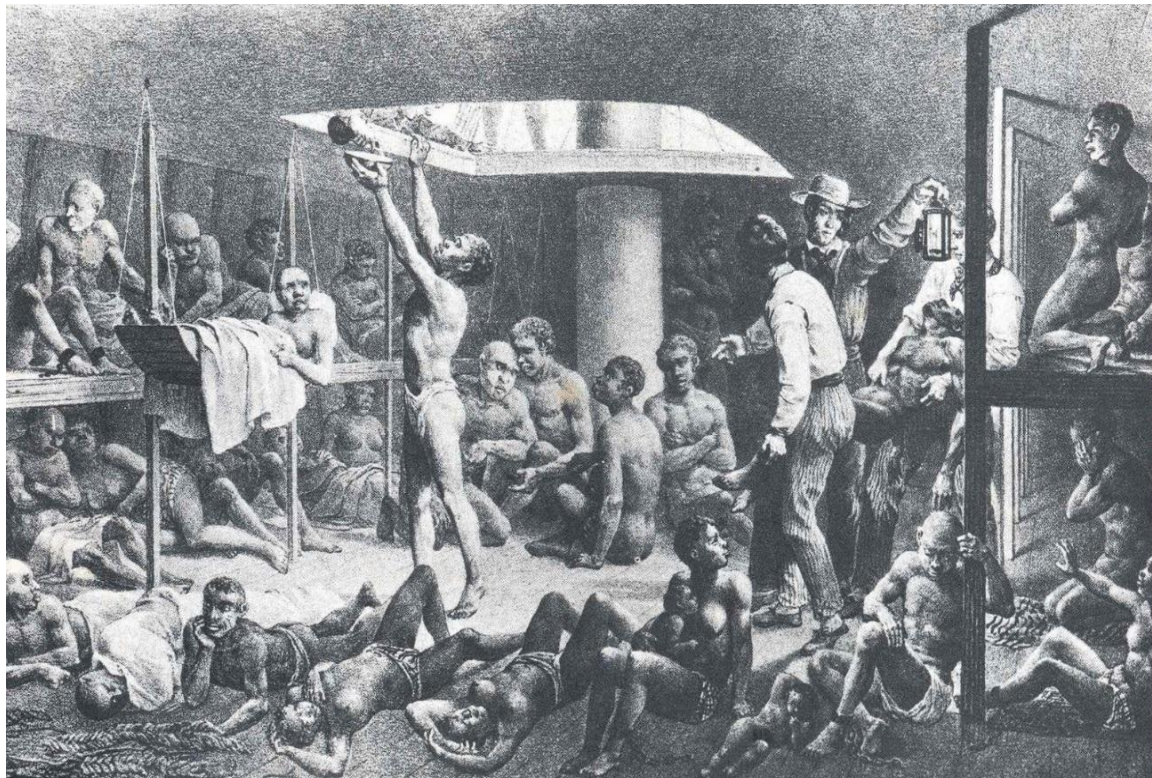
Foto: Reprodução/TV Globo

A referência que se tem do cabelo do homem da pré história, é um cabelo sujo, embolado, com aspecto de desleixo. A violência não está apenas nessa comparação com o primata, essas falas discriminatórias baseadas na cor da pele e na estrutura do cabelo, violentam a aparência e a autoestima do negro, não se deve normalizar esse episódio, nem julgar a forma com o que o participante recebeu a fala de Rodolfo.

6. O cabelo crespo resiste

A anulação da identidade negra através do cabelo existe desde a diáspora africana, onde os negros eram vendidos em leilões públicos, como mercadoria, tratavam de lustrear seus dentes, raspar os seus cabelos, aplicavam óleos para esconder doenças do corpo e fazer a pele brilhar. Rugendas vai ilustrar em sua obra “Negros no Navio”.

Figura 11: Ilustração de 1835 mostra o porão de um navio negreiro



Reprodução/Johann Rugendas

Muito se tem avançado nas discussões de empoderamento na necessidade da melhor identificação e representatividade através do fio do cabelo crespo. Através de redes sociais, observa-se uma infinidade de vídeos mostrando a transição capilar, receitas de hidratação para cabelos crespos e penteados afro, a afirmação através de fios não alterados por produtos químicos. Uma pergunta é gerada a partir dessa reflexão: como pessoas negras, através do cabelo crespo, nos dias atuais, se apropriam de uma linguagem, para um enfrentamento antirracista? Como seu aspecto, sua textura e seu formato transmitem vozes silenciadas pelo eurocentrismo? Como diz Gomes (s/d):

O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa

separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas (GOMES, s/d, p. 3).

O cabelo crespo possui um histórico de anulação ao longo do tempo, e é através da revolução ocorrida através do Black Power que se tem um marco no movimento pelos direitos negros, o cabelo natural do indivíduo negro possa ser entendido como linguagem de resistência, passando por diversas fases de desenvolvimento que o situam na centralidade da luta estético-política do antirracismo. Ao olharmos ao nosso redor, estamos rodeados de cabelos crespos, alguns que ainda se escondem atrás de chapéus, lenços, prendedores de cabelo, químicas de alisamento. Menciona Gonzalez :

Tem uma música antiga chamada “Nêga do cabelo duro” que mostra direitinho porque eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beijos em vez de lábios, fomalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme para clarear, esticando os cabelos, virando leidi e ficando com vergonha de ser preta (GONZALEZ, 1984, p.234).

O cabelo crespo se torna um símbolo de resistência, de afirmação da identidade negra, de expressão da cultura e principalmente de contestação ao racismo, no enfrentamento de um padrão eurocentrista, na luta antirracista, no domínio do pente garfo, da cabeleira, das tranças, do Black Power, dos Dreads.

7. Artistas e a linguagem do cabelo

Um enfrentamento a branquitude quanto a padrões de beleza, o cabelo crespo se torna linguagem no combate antirracista. Alguns artistas dialogam de forma responsável e profunda, tendo como referência o fio crespo como expressão artística.

Priscila Rezende graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard-UEMG, Minas Gerais, levanta uma discussão muito potente, sobre identidade, e realiza em 2010, uma performance chamada "Bombрил", com duração aproximada de uma hora, na qual, a mesma passa os seus cabelos em panelas fazendo referência a esponja de aço, utilizada para limpeza, de uso doméstico. Essa performance faz alusão ao adjetivo bastante mencionado, de forma pejorativa, para caracterizar o fio crespo.

Figura 12: Performance "Bombрил" Priscila Rezende



Fonte: <http://priscilarezendeart.com/>

Podemos refletir sobre essa representatividade, no trabalho do fotógrafo Nigeriano Okhai Ojeikere, que fotografou mais de mil penteados, durante 40 anos de carreira, se destinando a representar penteados originais que encontrava em seu país. Ele encontra verdadeiras esculturas que performam na visualidade que possui a força do cabelo crespo. Seu trabalho não é apenas uma representação fotográfica, mas marcava a independência da Nigéria, do Reino Unido, e não só territorialmente, mas a aspectos coloniais presentes nas perucas eurocentristas. A maneira de se trançar o cabelo, era a forma de resistir a padrões, e reafirmar o fio crespo, e a autoestima da mulher negra.

Figura 13:Foto de Okhai Ojeikere



Fonte:<http://lounge.obviousmag.org/intercambio/2015/01/o-fotografo-nigeriano>

A artista Tyler Clark, também se utiliza do fio crespo para realizar suas obras em 3d feita com cabelo sintético, sobre pinturas em 2d, possuindo uma conta na rede social instagram com 115 mil seguidores. Sua obra reafirma a beleza da textura e forma do cabelo crespo, sendo através de tranças, penteados, preso ou solto. Essa artista valida a busca da Mulher negra pela valorização da sua estética, ao pertencimento das suas raízes, o fio transcende a cabeça e se torna obra de arte.

Figura 14: Obra produzida por Tyler Clark



Fonte: <https://www.instagram.com/inspirebytyler/>

Um outro nome bastante potente, no que se refere a linguagem do cabelo, de forma artística é Laetitia Ky, que inicia sua carreira como design de moda, mas ao observar

fotografias de penteados de mulheres africanas, transforma o cabelo crespo em verdadeiras esculturas, se tornando sua marca registrada, Chamado de *Conceito Ky*, usando cabos, fios e dreadlocks. O trabalho de Ky é uma forma de resistência não verbal, ele existe, ocupa, adentra espaços e grupos que foram negados aos negros, por não pertencer aos padrões de branquitude.

Figura 15: Trabalho realizado por Laetitia Ky



Fonte: <https://edition.cnn.com/style/article/laetitia-ky-dazed-beauty/index.html>

Abordando a representatividade do cabelo como linguagem, o artista de Trindade GO, Fabio Gomes, é grafiteiro e possui uma série de obras efêmeras que utilizam as copas das árvores, se assemelhando bastante ao volume do cabelo crespo, a sua textura. Ele faz retratos detalhados e muito coloridos de crianças, indígenas e mulheres negras, usando galhos e arbustos como “cabelo”, para emoldurar paredes. A pintura mais famosa em que Fábio recebeu elogios no mundo inteiro, foi a imagem de uma garotinha com o cabelo preenchido pelas flores lilás de um Bougainville.

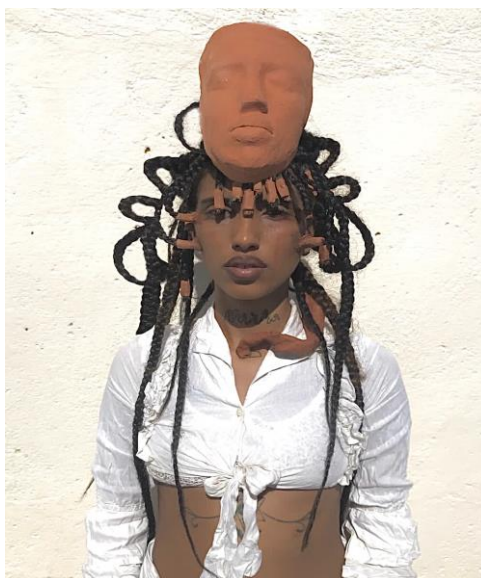
Figura 16: Grafite de Fábio Gomes



Fonte: <https://www.dm.com.br/entretenimento/2021/09/goiano-e-reconhecido-internacionalmente-apos-divulgar-seus-desenhos-artisticos-envolvendo-a-natureza/>

Uma artista brasileira muito potente é Janice Mascarenhas. Seu trabalho começa a ganhar grande visibilidade em 2018, durante uma performance em Berlim, no *BPOC*, festival de cultura negra. Com o objetivo de sentar em uma cadeira, e trançar mais de dois metros de cabelo, atividade essa que demoraria muitas horas sendo realizada por apenas uma pessoa. Para sua surpresa, as pessoas que estavam à sua volta, se levantaram, e junto com a artista começaram juntos traçarem seu cabelo, e a performance acabou durando apenas 15 minutos. Janice participou de um concurso para uma importante revista de moda, a *Dazed*, que reúne cem projetos criativos de diferentes áreas de atuação ao redor do mundo, a artista venceu essa competição, e a colocou dentro do mercado de beleza mundial. A vida de Mascarenhas sempre teve relação com a estética do cabelo, desde pequena, quando menina, acompanhava a mãe, que era faxineira de um salão de beleza, Mascarenhas diz: “Foi através da beleza que minha mãe me deu o melhor”³. O mercado da beleza é muito cruel, pois assume padrões de branquitude, criando um abismo da estética da mulher negra. O mundo da moda ainda nos dias atuais reproduz aspectos da colonização. A reconstrução da cultura e resistência negra são extremamente importantes para que não sejam silenciadas as vozes, que tanto já passaram por apagamentos.

Figura 17: Obra de Janice Mascarenhas



Fonte:<https://ffw.uol.com.br/noticias/beleza/conheca-janice-mascarenhas-brasileira-que-ganhou-concurso-da-dazed/>

³fonte:<https://ffw.uol.com.br/noticias/beleza/conheca-janice-mascarenhas-brasileira-que-ganhou-concurso-da-dazed/>Acesso em: Março de 2022

No trabalho de Janice Mascarenhas, podemos observar a presença do barro, uma homenagem às mulheres da tribo Himba, na Namíbia. As mesmas por terem o calor tão forte protegem o cabelo e a pele usando uma pasta, para proteger do calor, uma espécie de pasta de manteiga, gordura e ocre vermelho.

Figura 18: Mulher da tribo Himba



Fonte:<https://www.adventureclub.com.br/blog/curiosidades/descobrimdo-os-costumes-da-tribo-himba-e-sua-cultura/>

8. O cabelo crespo em uma educação antirracista

A sala de aula é um espaço de aprendizado, de trocas, de múltiplas culturas em um mesmo ambiente. Permitir que o aluno possa ter suas vivências de forma segura, sem ter medo de rótulos, piadas, xingamentos e deboches é de extrema importância para que as metas do ensino aprendizagem, sejam alcançadas, permitindo que o mesmo consiga se expressar livremente. Durante minha trajetória escolar em Escolas Públicas do Estado e do Município do Rio de Janeiro, situadas em periferias, onde os alunos possuem pouco acesso a lazer e cultura, uma dura realidade é encontrada, uma infinidade de jovens na busca por aceitação, na sua maioria alunos negros se submetendo a qualquer tratamento estético para caber dentro de um padrão.

Presenciei crianças com as cabeças feridas por usarem produtos de alisamento químico, que endeusavam os cabelos da “amiguinha de turma” por serem longos e lisos, meninas que precisaram raspar suas cabeças, por alisantes que fizeram seu cabelo cair, fora a rejeição que sofrem dos meninos, as escolhidas como as mais bonitas e predentes a um namoro, são as mais próximas do padrão de branquitude. Quando durante minhas aulas de artes me mostro também vulnerável, me apresento fora dos padrões, com o meu cabelo crespo, minha imagem gera uma identificação, daquelas alunas e alunos cheios de insegurança com sua imagem. Falar aos nossos alunos sobre autoafirmação da imagem, é falar de liberdade, e as Artes possuem caminhos sensíveis, poéticos e críticos que nos guiam para uma emancipação, de raízes presas a padrões de enbranquecimento colonizador.

De acordo com a referida lei 10.639/2003 e 11.645/2008 que regulamentam o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na educação básica do Brasil que é hoje o principal mecanismo de enfrentamento contra o racismo em sala de aula. A mesma delibera:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da

sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas

social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras

A Lei 11.645/2008 modifica a primeira, acrescentando a temática dos povos nativos do Brasil:

Art. 26-A. [...]

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos

povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

É possível notar a responsabilidade direcionada aos professores de artes nas duas leis. Acredito que as visualidades, podem contribuir, atuando diretamente no campo da sensibilidade, às artes visuais participando efetivamente na transformação do imaginário, facilitando a abertura a outras possibilidades. A arte passa por uma linha tênue na exploração e ressignificação do belo e da estética. Alguns questionamentos são cabíveis a respeito de padrões, ao distanciamento da diversidade e a real formação étnica da sociedade. Discutir a colonização, que tanto ensina as crianças padrões estéticos fora da realidade da grande maioria, principalmente da periferia, através da ludicidade.

Toda experiência é modelada, programada pela arte. Todos os nossos prazeres e tristezas, todas as experiências das cores, dos sons, das formas, das tessituras, dos perfumes que nós temos, todo sentimento de amor e de raiva, têm um modelo artístico. Nosso mundo é estruturado não somente pela nossa informação genética, mas também por nossa informação estética. Onde não há modelo estético, nós estamos “anestesiados” = nós não temos experiência nenhuma. Nós dependemos da arte para poder perceber o mundo. A arte é a nossa maneira de viver no real. (Flusser,2011 p.10)

Segundo as orientações da BNCC, que tem como Competência Específica de Arte para o Ensino Fundamental:

Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte. (Dezembro/2018)

Tendo como Habilidade:

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. (Dezembro/2018)

O ensino das Artes Visuais não somente questionará valores, crenças, dogmas e atitudes, mas se fundamentará na ação e na proteção da cultura, na história que formou o mundo em que vivemos, marcas da escravidão e da colonização aqui no Brasil. O professor possui papel fundamental na inserção do aluno vítima de preconceito, observando comportamentos e atitudes que geram constrangimentos e ofensas. Uma das formas de se aniquilar um povo é apagar sua cultura.

De acordo com Paulo Freire, a educação interfere no mundo, pois ao mesmo tempo em que é capaz de reproduzir ideologias dominantes também propicia o desenvolvimento da perspectiva crítica tanto do docente quanto discente, que se tornariam aptos, então, a desconstruir tais ideologias. Para tanto, o discurso do(a) docente deve se amparar nos valores morais e éticos, que o(a) orientam e no conhecimento científico profundo do assunto tratado, o que requer constante pesquisa e preparação para as aulas. Espera-se, então, que o(a) professor(a) saiba respeitar os saberes que o(a) educando(a) traz consigo. Em sendo assim, quando se depara com posicionamentos racistas da parte dos(as) alunos(as), o(a) professor deve propor um diálogo de forma respeitosa, afetiva e humilde com o intuito de incitar o reconhecimento de seu interlocutor da violência que ele acaba por exercer sobre o outro, quem ele discrimina em sociedade. (Leci, 2017,p.4)

Cada aluno traz consigo um histórico familiar, repleto de vivências e experiências, responsáveis por representar individualmente cada um. Cabe aos educadores estar com os ouvidos e olhos atentos, para não somente contribuir com a sua formação, mas também identificar possíveis vítimas de preconceito. A escola ainda hoje é um ambiente repleto

de falas e apelidos pejorativos, quanto a raça, opção sexual, características físicas, entre outras. As artes visuais são uma ferramenta antirracista poderosa.

9. Considerações finais

Uma educação antirracista na escola, amplia o debate, mapeando comportamentos preconceituosos, para a disseminação de um discurso de igualdade, respeito a diversidade e reparação histórica. Fortalecer a identidade de alunos negros, no reconhecimento da potência de sua ancestralidade, na própria cultura, se torna fundamental para que o discente aprenda a lutar por igualdade de direitos, na busca, de cada vez mais, ocupar espaços que não pertencem a população negra. Precisamos romper com rótulos pejorativos criados ao redor da estética negra, relacionado a sujeira, ou falta de cuidado, principalmente com o cabelo crespo, que tanto fala de identidade, a linguagem do crespo rompendo com qualquer tipo de controle social, reafirmando o movimento Black Power de orgulho e poder.

Que as artes visuais possam contribuir para a formação de alunos livres, que se sintam apoiados e estimulados a assumir suas características primárias, sem esbarrar em rótulos, permitindo que seus cabelos sejam verdadeiros atos políticos de resistência. A escola precisa ser um espaço onde se apresenta cada indivíduo na sua totalidade, independentemente da cor da sua pele. As nossas aulas precisam estar repletas de manifestações plásticas, pinturas, fotografias, colagens, e podemos dizer também musicais, que estabeleçam um diálogo com os alunos negros, que já são bombardeados por dados da colonização branca, e pouco visualizam a sua própria trajetória ancestral.

O racismo no século XXI, já é um assunto muito citado nos meios de comunicação, na internet e nas redes sociais, muito ilustram a realidade discrepante de milhões de Brasileiros negros, notícias são veiculadas quase que diariamente tratando da discriminação por raça. Mesmo com toda repercussão, esse assunto ainda está longe de conseguir reparar, todas as marcas profundas, geradas por anos de apagamento, da história de um povo deixado à margem da sociedade. Nesse sentido a escola possui um papel fundamental, pois estabelece diálogo em um espaço democrático, onde juntos podemos desconstruir padrões.

Para nós, cidadãos afro-descendentes, conhecer as realidades objetivas da África, tanto no período pré-colonial como no contemporâneo, é de uma importância vital. Isso tem que nos levar, necessariamente, para além da abordagem formal, pois implica no conhecimento de nós mesmos, de nossa mentalidade, de nossos hábitos culturais, de nossos valores e vícios morais, todas os quais provêm, em grande parte, das estruturas profundas de nosso próprio psiquismo coletivo. (Moore, s/a, p50)

Uma busca constante por uma sociedade mais justa é fundamental para a preservação da história de um povo. Toda a sociedade precisa lutar para que todos tenham igualdade de direitos, o racismo ainda faz vítimas, muitas delas, invisíveis, silenciadas por preconceitos velados, discriminadas por sua aparência, por não se adequar às normas de branquitude. O cabelo crespo está ligado inerentemente a identidade cultural, a espiritualidade, a ancestralidade. A consonância de uma beleza branca, atrelada a um lugar de privilégios, só contribuem para a reprodução do preconceito racial.

Como uma educadora negra, acredito em uma educação libertadora, onde possamos assumir o protagonismo de nossa própria cultura, na luta e resistência para a construção de uma sociedade antirracista.

Referências

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

CARVALHO, Eliane Paula de. A identidade da mulher negra através do cabelo. 2015. Monografia, especialização. Universidade Federal do Paraná. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. Curitiba

SOUZA, Fábio Feltrin; BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. As relações étnico-raciais em sala de aula, propostas pedagógicas. Tubarão, SC: Copiart, 2016.

SOUZA, Neuza Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Gomes, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n.p. n. 21. Acessado em: Março 2022.

Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. s/d. Disponível em <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf> Acesso em Março de 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
HOOKS, Bell. Vivendo de amor. Geledés, 2010. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>> Acesso em agosto de 2021.

LEAL, Giselle; BISPO; Gláucia; HYGINO, Priscilla. Arabescos: sobre cabelos, vidas e re-existências. IN: REIS, Graça; MARIA, Ilana; CAMPOS, Marina; ALENCASTRE, Simone; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). Narrativas na/da pandemia. Rio de Janeiro: AYVU, 2021.

SANTOS, Raul de Lemos. O corpo negro: a estética negra como forma de resistência. Re Existência Intelectual Negra e Ancestral, Uberlândia MG, vol.1, p.(1 e 12), outubro, 2018. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1538362746_ARQUIVO_Copene.pdf> Acesso em: Janeiro 2022

LECCI, Alice de Carvalho Lino. Arte e a Educação antirracista . In: ANAIS DO COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE QUESTÕES CURRICULARES, 2017, . Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.science/coloquio/papers/arte-e-a-educacao-antirracista->> Acesso em: 21 mar. 2022.

DA SILVA, Celia Regina Reis. Cabelo crespo, corpo negro na luta cultural por representação afirmativa da identidade negra. **Revista Trilhas da História**, v. 10, n. 19, p. 19-32, 2020.

Africa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento649761/ex-africa>. Acesso em: 17 de março de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

PRISCILA Rezende. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa262063/priscila-rezende>. Acesso em: 17 de março de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

REDINGTON, Norman Hugh. *A Sketch of Rastafari History* (em inglês). Disponível em <http://www.rastafarispeaks.com/articles/history.html>. Acesso em: março de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Cultura Afro-Brasileira – Brasil de todas as cores**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-medio/66-cultura-afro-brasileira-brasil-de-todas-as-cores> Acesso em: Março de 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instituto Nacional do Câncer. Perguntas frequentes: Formol**. Brasília, 2010, n.p. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/perguntas-frequentes/formol#>: Acesso em: Março 2022

BRASIL. **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em: Março de 2022.

BRASIL. **Lei nº 11645, de 10 de março de 2008**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 10 mar. 2008a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso em: Março de 2022